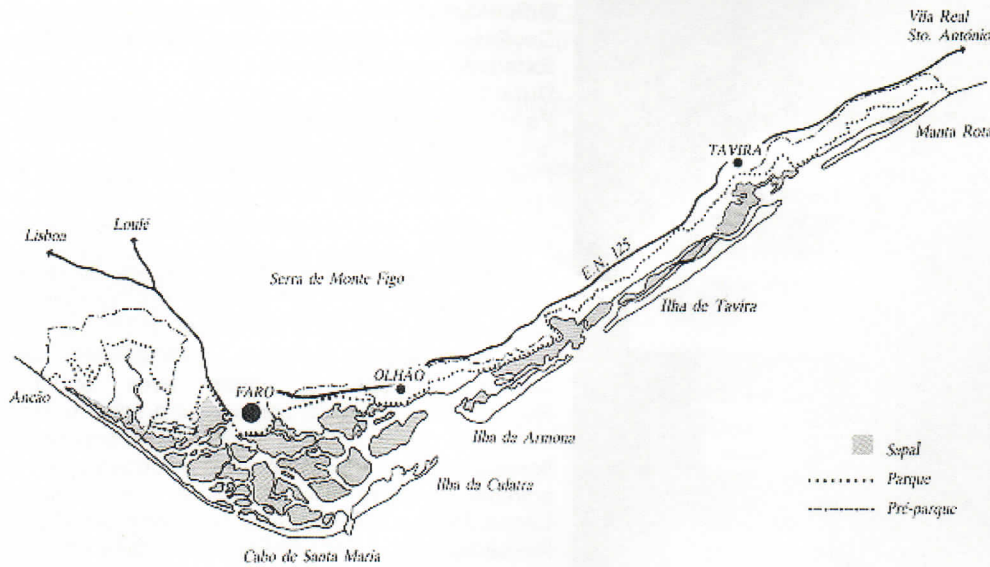


sobre uma área protegida

Parque Natural da Ria Formosa (PNRF)

Situado no sotavento algarvio onde ocupa uma área de cerca de 18.500ha (incluindo a parte submersa), este Parque foi criado em dezembro de 1987, na sequência da reclassificação de uma já existente área protegida – era, desde Maio de 1978, reserva natural - que vinha sofrendo grave degradação pelas pressões de turismo, indústria e consequente urbanização.

A classificação de Parque Natural ficou a dever-se ao seu grande valor científico, económico e social e grande importância ecológica tendo o decreto que o criou (nº 373/87, de 9 de Dezembro) traçado como objetivos principais a proteção e a conservação do sistema lagunar, nomeadamente, da sua flora e fauna, incluindo as espécies migratórias e respectivos habitats. Compatibilizar a proteção do património natural e cultural e um desenvolvimento socio-económico



sustentado, foi também outra das linhas de preocupação.

Em termos climáticos, o PNRF enquadra-se numa região de precipitações fracas e irregulares e de temperaturas amenas - clima mediterrânico, de características semi-áridas de transição para o sub-tropicalismo.

A Ria Formosa é uma zona húmida de importância internacional fazendo parte da Lista de Sítios das Convenções de Ramsar e Bona. É, ainda, uma zona de Proteção Especial para Aves Selvagens “Directiva Aves”, um Sítio incluído na Lista Nacional de Sítios “rede Natura 2000” e geminado com o Domaine de Certes-Le Teich no quadro do programa Sítios Geminados Europeus.

A Ria Formosa (ou Ria do Vale Formoso ou, ainda, Ria de Faro) estende-se numa faixa arenosa, de mais de 55/60Km de extensão, da península do Ancão (Quarteira) à península de Cacela (Vila Real de Santo António), com um cordão de 5 ilhas-barreira que asseguram a proteção da área de sapais, bancos de vasa e areias – Barreta, Culatra, Armona, Tavira e Cabanas – e 6 barras a separá-la da brisa marítima.

A ria é, fundamentalmente, alimentada por águas marinhas e por alguma água doce proveniente de cursos de água sazonais, possuindo diversos habitats - vasas, áreas de pinhal, zonas agrícolas, dunas, sapais, resultantes da conjugação de múltiplos fatores – da morfologia dos fundos marinhos contíguos, da ondulação das correntes, do fluxo das marés, dos ventos, de sedimentos e da intervenção humana (há quem aponte a criação da ria, para 1755, pelo último grande maremoto).

A profundidade média da laguna é de 2 metros. Em movimento contínuo, o sistema lagunar varia com as marés: uma parte encontra-se permanentemente submersa, emergindo durante a baixa-mar.

Os cordões dunares, onde existe uma grande variedade biológica e geológica, dependem da vegetação específica que permite a fixação da areia – o pisoteio e as construções debilitam-no.



Os sapais são as plataformas existentes nas áreas abrigadas da ação direta do mar – como variam em função das marés são constantemente alimentados por nutrientes trazidos por essa mobilidade, sendo das zonas mais produtivas da biosfera.

Este Parque Nacional compreende, pois, 3 zonas: a marítima, a zona do cordão dunar e a zona de sapal.

A conjugação das características físicas de solo e climáticas resultou numa riqueza quer de comunidades vegetais, quer de espécies animais – efetivamente a vida ferve nesta zona húmida – das 1337 (!!!) espécies identificadas, 693 são plantas, 288 moluscos e 214 são aves; as demais são, sobretudo, répteis, anfíbios, peixes, alguns mamíferos. De especial interesse a avifauna onde se incluem numerosas espécies consideradas ameaçadas.

A Ria é zona de descanso para aves migradoras, de invernada para aves aquáticas e limícolas (provenientes do Centro e Norte da Europa passam aqui o Inverno ou utilizam a Ria como ponto de escala na sua rota rumo a zonas mais meridionais) – borrelho-grande-de-coleira, (*Charadrius hiaticula*), tarambola-cinzenta (*Pluvialis squatarola*), maçarico-de-bico-direito, (*Limosa limosa*) pilrito (*Calidris alpina*) e alfaiate (*Recurvirostra avosetta*) e habitat de aves raras no nosso país como o caimão ou galinha sultana (*Porphyrio porphyrio*), símbolo deste Parque Natural, e a andorinha-do-mar-anã (*Sterna albifrons*) que nidifica em dunas e salinas. Na zona de água doce, nidificam também a galinha-de-água (*Gallinula chloropus*), o galeirão-comum (*Fulica atra*), o mergulhão-pequeno (*Tachybaptus ruficollis*), a garça-pequena (*Ixobrychus minutus*) e o pato-real (*Anas platyrhynchos*), constituindo o caniçal refúgio para a garça-boieira (*Bubulcus íbis*).



Nas salinas, sobretudo no salgado da Terra Estreita, próximo de Tavira, podemos encontrar grandes concentrações de gaivinas, limícolas e flamingos (*Phoenicopterus ruber*). A fauna marinha também é variada - os fundos baixos, uma salinidade elevada, águas renovadas e um substrato de fundos arenosos e argilosos desempenham um importante papel como viveiros para espécies como a dourada (*Sparus aurata*), o robalo (*Dicentrarchus labrax*), o sargo (*Diplodus sargus*), bivalves, crustáceos e cefalópodes. Outras espécies ameaçadas e que ali encontram refúgio são o cágado-de-carapaça-estriada (*Emys orbicularis*) - uma tartaruga de água doce -, e o camaleão (*Chamaeleo chamaeleon*), espécie atualmente circunscrita, na



Europa, à orla meridional da Península Ibérica.

Também se podem observar mamíferos como a lontra (*Lutra lutra*), o sacarrabos (*Herpestes ichneumon*), a geneta (*Genetta genetta*), a fuinha (*Martes foina*), o texugo (*Meles meles*) e a raposa (*Vulpes vulpes*).

As dunas são estruturas instáveis, atuando a proximidade do mar como fator condicionante do desenvolvimento das plantas que as povoam.

As plantas costeiras estão sujeitas a ventos fortes carregados de partículas de sal, a luminosidades e a amplitudes térmicas extremas - as psamófitas (plantas que vivem nas areias) sobrevivem porque desenvolveram adaptações, destacando-se o estorno (*Ammophila arenaria*), os cordeirinhos-da-praia (*Otanthus maritimus*), o cardo-marítimo (*Eryngium maritimum*), o narciso-das-areias (*Pancretium maritimum*), a

nossa arméria (*Armeria pungens*) e o tomilho (*Thymus carnosus*) – endemismo português ! O pastoreio e a remoção de areias contribuem para a destruição desta cobertura vegetal, com a consequente nudez e erosão do solo.

Já no sapal, zonas costeiras de águas calmas, o fluxo das marés facilita a deposição de sedimentos permitindo a formação de bancos de vasa que servirão de substrato à vegetação halófila sendo predominante a morraça (*Spartina marítima*), graminéa que suporta longos períodos de submersão.

A vegetação ribeirinha, alimentada por cursos de água doce, inclui espécies como a tábua (*Typha sp.*), a tamar-gueira (*Tamarix africana*), o caniço (*Phragmites communis*) e o junco agudo (*Juncus acutus*).

No PNRF são desenvolvidas atividades industriais como a pesca, a cultura de bivalves em áreas de sapal, a piscicultura, a salinicultura e a extração de inertes (forma de manter abertas barras e canais e suportar as exigências da construção civil), não esquecendo a intensa atividade turística.



Testemunhos arqueológicos da presença romana surgem por toda a faixa litoral, tendo a Ria Formosa sido local de encontro de povos e culturas de raiz mediterrânica - fenícios, gregos, cartagineses, romanos e árabes.

No PNRF pode-se visitar uma estação romana do séc. IV com vestígios de tanques de salga, um moinho de maré, uma barca de transporte de pescado, um observatório de aves em liberdade, um aquário, um centro de recuperação de aves e um centro de reprodução/criação de cães de água – o cão do Obama!

Texto de Esmeralda Miguel e Fotos de F. Louro Alves